

Para entender a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau

Fabio Alves Ferreira *

Resumo

Neste trabalho analisamos a proposta de construção social da realidade a partir da *Teoria do Discurso*, na perspectiva de Ernesto Laclau. Um discurso, em sua perspectiva, ocorre pela articulação de demandas particulares hegemônicas por uma das identidades que configuram o sentido da realidade. Esse fechamento de sentido é sempre inacabável e, portanto é contingente e temporário. Suas concepções são antiessencialistas e, numa linha pós-estruturalista, presume um sujeito descentrado e plural.

Palavras-chave: Teoria do discurso; Identidade; Hegemonia; Pós-estruturalismo.

Abstract

In this paper we analyzed the social phenomena through of the discourse theory of Ernesto Laclau. A discourse is an articulation of the demands that are monopolized by an identity. The social meaning is given by this process. The sense never finished. It changes according to context. The discourse theory is post-structuralist, then: the identities don't have an essence, and the modern individual is plural.

Key words: Theory of discourse; Identity, Hegemony, Post-structuralism.



* **FABIO ALVES FERREIRA** é Mestre em Ciências da Religião com concentração em Ciências Sociais e Religião (UMESP); doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

É nitidamente perceptível o lugar, cada vez mais espaçoso, que os métodos de análise do discurso têm ocupado em trabalhos científicos. Michel Foucault e sua proposta de análise do discurso, descortinando, desta maneira, as instituições de poder, subjacente àquele que fala é comumente investigado no Brasil. Já Ernesto Laclau, com a teoria do discurso e o deslocamento de sujeitos em sua produção, não tem mais que meia dúzia de textos traduzidos para o português. Neste artigo nosso objetivo é o de compreender o discurso laclauiano como ontologia do social, marcado pelo antagonismo e contingência das identidades.

Para compreender a Teoria do Discurso cunhada por ele, e estudada pela Escola de Essex, na Inglaterra, destacamos o princípio de descentramento do sujeito. As complexidades das relações contemporâneas colocam em xeque um centro fixo constituidor das identidades. Há, portanto uma pluralidade de centros. Isso coloca a emergência de muitas outras identidades, que podem ser hegemônicas num processo de articulação, no processo de formação do discurso e disputa pelo significado da realidade (LACLAU, 1985).

Entretanto, para entendermos sua proposta de Discurso como constituidor da realidade é preciso pontuar algumas categorias centrais em suas reflexões: a pluralidade de posições que o sujeito pode ocupar nas sociedades contemporâneas; os antagonismos próprios das práticas sociais, visto que

em sua concepção o social é ontologicamente político; o caráter aberto do social e finalmente a teoria da hegemonia como ponto temporariamente estável, embora contingente, das identidades. De antemão reafirmamos que não traremos uma definição didática de cada conceito aqui destacado, mas eles se darão na medida em que avançamos no texto, tomando ações práticas nas quais as articulações discursivas, nestas perspectivas, se evidenciam.

O discurso é o terreno primário no qual a realidade se constitui. Ele toma como pressuposto a idéia de que a linguagem é constituidora da realidade e, portanto, ela só existe dentro de um discurso que

a torna possível. Fora do discurso, há existência, porém não existe significação (OLIVEIRA, 2009). Um bom exemplo é o fato de que a cada dia são descobertas novas espécies animais e vegetais na Floresta Amazônica. Antes de sua descoberta,

entretanto, tais espécies já existiam em suas qualidades positivas, mas não assumiam nenhuma existência dentro de nosso mundo, pois isso só acontece a partir do momento em que um nome foi-lhes atribuído, estudos foram feitos e tais espécies, deste modo, foram figuradas como capazes de contribuir para a cura de determinada doença, dotadas de beleza ornamental ou simplesmente mais uma fonte de alergias. Assim que um nome lhe é atribuído, entram numa lógica de relação com outros elementos. Somente a partir disso, sua identidade é constituída como ser vivo, da espécie animal, vertebrado, anfíbio, aquático, etc.



Para Laclau o discurso é um complexo de elementos dados a partir de um conjunto de relações. Isso é mais bem entendido pelas possibilidades de polissemia dos significantes. Tomemos o exemplo da disputa política pelo significado do termo *reforma agrária*: (i) é um significante que pode indicar uma política social de agricultura familiar, patrocinada pelo Banco Mundial (BIRD), atrelada a uma lógica de mercado. Isso aconteceu, por exemplo, no Governo do ex-presidente da república Fernando Henrique Cardoso (SAUER & PEREIRA, 2006); (ii) Para o MST, o significante *reforma agrária* é constituído pela permanência de uma série de atos violentos no campo rural brasileiro que resultou na morte de centenas de camponeses; na precariedade do acesso aos bens de serviço vivenciada pelos agricultores; pela corrupção sempre presente no cenário político brasileiro; pela concentração da propriedade da terra e sua crescente associação ao grande agronegócio, cujos resultados são benéficos para o mercado interno, mas não produzem resultados distributivos de renda e propriedade; e, ainda, por questões relativas à soberania alimentar dos povos.

O significado resultante dessa disputa de projetos antagônicos definirá que tipo de ação política será tomada pelos governantes para enfrentar a questão da reforma agrária no Brasil. Nesta perspectiva o campo do social é uma guerra de trincheiras; de estabelecimento de espaço. Diversos projetos políticos tentam articular em torno de si o maior número de demandas (e respectivos “apoios” e “aliados”) (LACLAU, 2005).

Um discurso é representativo de uma série de demandas particulares. O discurso sobre a terra, por exemplo,

versa sobre a soberania alimentar; agrega demandas sobre cuidados ambientais; defende as questões da agricultura familiar; fomento para produção cooperativa de camponeses; espaços de discussão pelo acesso de mulheres; precariedade do trabalho na cidade, etc. Assim, muitos indivíduos se vêem com demandas que os identificam com o discurso de um movimento que reivindica terra. Neste momento de vínculo, entre diversos atores, o discurso assume sua elasticidade e evidencia que em seu interior habita uma heterogeneidade de demandas. O discurso amplia-se e cria uma rede de equivalência que alimenta o horizonte de todos aqueles que se sentem representados pelo projeto do Movimento Social.

Quando demandas heterogêneas são identificadas num mesmo significante, o seu sentido deixa de ser literal e assume status de uma metáfora. O significante *reforma agrária*, neste caso, não implica, somente, o acesso a terra. Pelo contrário, ele passa a significar mudanças estruturais no campo e nas relações sociais, de maneira que todos tenham iguais direitos na construção da sociedade, especificamente acesso à saúde no campo, escolas e tecnologias para produção da terra, fomento do governo federal e assistência técnica do INCRA.

O discurso na perspectiva de Laclau, portanto, constitui o deslocamento¹. Quando determinado discurso não é capaz de apresentar-se imune frente às contestações que emergem, fica evidenciado o seu caráter contingente e uma crise de sentido instala-se. O

¹ Na perspectiva laclauiana, *deslocamento* são situações que criam uma desestrutura. Os elementos de amarração são afrouxados precisando de um restabelecimento: o senso de identidade, a crise suturada.

deslocamento não implica, desta maneira, uma migração geográfica, mas a identificação com outros elementos que vão configurar o sentido perdido. A identidade, desta forma, é definida por uma corrente contínua de elementos identificatórios. Para isso ele toma a psicanálise Lacaniana do sujeito da falta. Um sujeito errante que busca a sutura de algo que lhe falta e que nem é reconhecido por ele mesmo, entretanto, cada nova identificação é uma aposta num projeto que vai completá-lo temporariamente (LACLAU, 1986).

Tomemos como exemplo uma das pessoas que reivindica terra, por meio do MST. Não necessariamente ele é um camponês, pois pode ser um cidadão que passa por condições precárias de sobrevivência. Contudo, ele pode ser praticante de uma religião pentecostal, que alimenta um discurso separatista na sociedade entre ações políticas e ações estritamente religiosas; pode ser um pequeno comerciante temeroso pela diminuição de suas rendas; pode ser alguém que tem relações de parentesco no campo; como pode ter uma situação na qual tenha ficado viúvo ou viúva e, o vínculo com o MST, tornou-se o projeto de um horizonte de superação de sua posição de ostracismo. Entretanto, o que desencadeou os elementos subjetivos da identificação pode ser de fórum íntimo, que explicita sua demanda particular e a agregação com outras demandas democráticas. Assim, o sujeito emerge no momento exclusivo de deslocamento, na ausência de respostas e de uma seqüência lógica, racional para determinar a escolha feita. Portanto, Jacques Derrida (2005), assinala que, escolher implica na limitação da razão. Num campo de indecidibilidade em que não se sabe o que fazer, mas que, entretanto, uma escolha é realizada e outras são excluídas. Este arrebatamento, que provoca a mudança

identitária vem de *um outro* que não se tem controle. Esse outro pode ser uma situação, uma pessoa, uma catástrofe, mas sempre será algo que coloca em xeque o discurso anterior em responder adequadamente as novas demandas.

O militante religioso pentecostal que ocupa uma terra está enredado num conjunto de outras demandas, que sublima as diferenças com as demais identidades presentes no discurso. Além disso, esse mesmo sujeito, nesta posição de militante é diferente de um pentecostal que não milita. O sistema discursivo coloca elementos à disposição numa determinada posição do sujeito e impede a articulação de outros, numa outra posição. Assim há práticas discursivas diferentes, ainda que trate de temas semelhantes. Neste exemplo, os elementos cooptados e articulados na produção do discurso, em cada posição do agente social, produzem discursos diferenciados e sempre inscritos numa lógica da diferença (BURITY, 1997).

O sentido de algo é sempre determinado por sua relação com outros elementos. Dentro de uma situação na qual, vários elementos são articulados constrói-se temporariamente o sentido. Esse sentido, embora seja marcado pela contingência, traz à baila a estabilidade. Além de precária, esta estabilidade ocorre em relação àquele conjunto de regras e dentro de uma prática discursiva cujas fissuras esvaem-se com a imposição de pontos nodais. (BURITY, 2008).

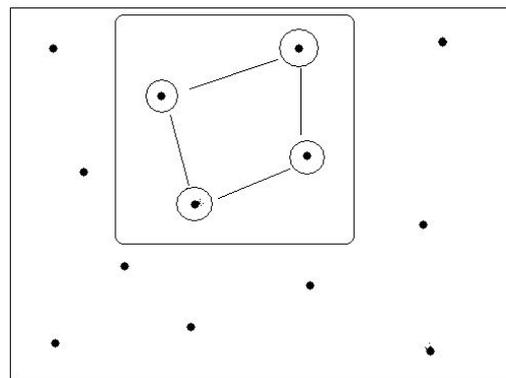
Aqui coloca-se pertinente a definição de prática articulatória. Os elementos articulam-se a partir de um ponto nodal – um significante vazio. Dessa forma, esses elementos tornam-se em momentos, como aparece na representação gráfica abaixo. Esses elementos continuam a ser elementos,

mas ascendem para elementos/momentos numa determinada prática articulatória. Esse mesmo elemento pode ser articulado numa outra prática de formação discursiva. Desta forma, um mesmo elemento se tornará um elemento/momento diferente em um discurso e outro. Para Laclau, a conexão desses diversos elementos/momentos constitui-se no discurso. Esse discurso antagônico – posto que há uma disputa entre os diversos elementos/momentos em seu interior – também vai travar no amplo espaço do social uma luta pela hegemonia. (MENDONÇA & PEIXOTO, 2008).

Desta maneira, de forma mais sistemática, hegemonia é uma relação em que uma determinada identidade, num determinado contexto histórico, de forma precária e contingente, passa a representar, a partir de uma relação equivalencial, múltiplos elementos. A idéia de hegemonia existe justamente em contraposição à idéia de *falta constitutiva*, presente na teoria laclauiana. A noção de falta constitutiva, por sua vez, induz à idéia de que todas as identidades se constituem sempre de forma incompleta, seja em função da sua própria articulação incompleta de sentidos, seja a partir de sua relação com outras identidades, seja, ainda, por sua negação, a partir de seu corte antagônico (uma outra identidade que nega sua própria constituição). (MENDONÇA & PEIXOTO, 2008, p. 30).

Consideramos pertinente representar graficamente o discurso em Ernesto Laclau²:

² Esse gráfico foi elaborado pelo Professor Dr. Joaíldo Albuquerque Burity, em sala de aula, durante o curso de Estruturalismo e Pós-estruturalismo, no Programa de Pós-Graduação



1 - Cada ponto é um ELEMENTO: diferenças sociais que não estão articuladas discursivamente. Isto pode acontecer, por não portarem demandas identificadas com outras demandas, na pluralidade de demandas do social.

2 - Cada ponto no interior de um círculo é um ELEMENTO/MOMENTO: posições diferenciais que aparecem articuladas no interior de um discurso – a articulação de um momento num discurso, não impede sua articulação em outro discurso; desta maneira ele seria o mesmo elemento, entretanto teria sua natureza modificada de acordo com a articulação com outras identidades na formação de cada discurso. Por exemplo: identidades religiosas podem discutir o direito de acesso à terra, mas, pode também, está articulado numa outra prática discursiva na qual se coloca contra o direito de liberdade sexual.

3 - Cada linha que liga os momentos é chamada de ARTICULAÇÃO: Os pontos nodais desenvolvem a função de fixar parcialmente o sentido. Essa fixação é parcial, pois o social tem essencialmente o caráter aberto, incerto, contingente, polissêmico.

4 - O quadrado em torno dos elementos articulados é o DISCURSO: a totalidade articulada, resultante da prática

em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, no primeiro semestre de 2009.

articulatória e antagônica, plural de elementos/momentos hegemônicos.

Tornemos mais empírica a idéia laclauiana de constituição da sociedade. Retomemos, novamente, o exemplo do problema da questão da terra: o Brasil vivencia um problema agrário estrutural há muito tempo. A migração do campo para a cidade, num período de promessas em torno da industrialização do país; a conseqüente frustração pela ausência de emprego que absorvesse todo o contingente; a força política de grupos ricos no país, antagônicas às demandas do restante da população, na esfera da autonomia social e política; têm sido capital para desigualdade social. Uma política requerida diante desse contexto, pelos movimentos sociais e outros grupos de pessoas, tem sido em torno de uma promissora reforma agrária. As vozes isoladas articulam-se em torno de uma necessidade imposta sobre todos eles. Essa demanda consiste numa pluralidade de grupos (estudantes, trabalhadores do campo, camponeses, trabalhadores urbanos, grupos políticos que portam um discurso marxista; outros que são religiosos, mas que, entretanto, a despeito das diferenças marcantes de cada identidade, são chamados a se posicionar numa relação em que a diferença assume caráter secundário). Esta variedade corrobora a complexidade do social. Agentes sociais que em suas diversas posições são participantes de sistemas discursivos diferenciados. O elemento articulador dessas diferenças pode ser nomeado como ponto nodal.

Na constituição desse discurso, vários elementos (identidades) ficaram de fora. Não se acoplaram ao discurso por possuírem características antagônicas de maneira que, a sua entrada, poderia modificar a natureza do discurso. Ou

pela própria pluralidade, tais elementos podem estar articulados com outros discursos. Nesse esquema, o religioso pentecostal que se insere em assentamentos de reforma agrária, mantém a diferença, embora se junte numa situação maior, que o hegemônica com os demais sujeitos. Reafirmamos que embora o pentecostalismo seja antagônico com os demais elementos – seja por defender uma ação pacífica de mudança; ou, seja por opor-se ao ceticismo de identidades marxistas – a sua articulação, não implica homogeneidade e nem o aniquilamento de sua identidade adversa aos demais agentes sociais. Mas, o confronto com um adversário, comum aos próprios adversários traz à baila a necessidade de uma hegemonia temporária, para que possam subsistir em suas próprias diferenças, que no momento da articulação estão em sua forma latente.

Está posto, aqui, em que consiste a teoria do discurso de Ernesto Laclau. Observamos que é resultado do deslocamento de sujeitos pela condição primária de sua pluralidade e a constituinte contingência de sua natureza não suturada. Entretanto, isso não significa que o discurso ocorre pela vontade própria do sujeito em transitar por diversas posições. Esse deslocamento é imposto estruturalmente, quando sujeitos são confrontados com uma situação que desestabiliza o seu discurso, abre uma fissura e coloca a necessidade de novas articulações na busca da sutura.

A estrutura discursiva não é um agrupamento homogêneo de elementos organizados. Do contrário rigorosamente constituído de antagonismos entre elementos num processo contínuo de articulação, deslocamento e nova articulação (LACLAU & MOUFFE, 2004). O

discurso, portanto, é esse conjunto temporariamente articulado e identitariamente fadado a redimensionar-se, pois outro elemento pode sobrepor-se hegemonicamente. Isso significa que, todo discurso é uma tentativa de dar conta do social, embora ele sempre continue com seu caráter aberto, dado a precariedade do discurso estabelecer estabilidade.

Cada discurso, portanto, e cada posição no interior do discurso, constitui-se num jogo político de inclusão e exclusão de possibilidades figurados pela lógica de identificação e diferença conforme as diversas identidades e seus interesses distintos, constituintes do social. Este social é ontologicamente político à medida que se estabelece fronteiras entre as identidades e, também, visto que está em constante disputa pela imposição do sentido.

Referências

BURITY, Joanildo A. Desconstrução, hegemonia e democracia: o pós-marxismo de Ernesto Laclau. In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio Guedes. *Política e contemporaneidade no Brasil*. Recife: Bagaço, 1997, p. 29-74.

_____. Discurso, política e sujeito na Teoria da Hegemonia de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto (Orgs). *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. Porto Alegre, 2008, p. 35-51.

DERRIDA, Jacques. Notas sobre desconstrucción y pragmatismo. In: CRITCHLEY, Simon; DERRIDA, Jacques; LACLAU, Ernesto; RORTY, Richard. *Desconstrucción y pragmatism*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 151-170.

LACLAU, Ernesto. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 2, vol. 1, out., 1986.

_____. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica de Argentina S.A, 2005.

LACLAU, Ernesto. MOUFFE, Chantal. *Hegemonia y estratégia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Argentina: Fondo de Cultura Econômica, 2004.

MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto. Em torno de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto (Orgs). *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. Porto Alegre, 2008, p. 25-33.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa de. *Pluralismo e novas identidades no cristianismo brasileiro*. Tese de Doutorado em Sociologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, 2009, p. 400.

SALES, Ronaldo. Laclau e Foucault: desconstrução e genealogia. In: MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto (Orgs). *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. Porto Alegre, 2008, p. 145 – 163.

SAUER, Sérgio; PEREIRA, João Márcio Mendes. *Capturando a Terra: Banco Mundial, políticas fundiárias neoliberais e reforma agrária de mercado*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.